

Dossiê: “Velhices e Experimentações Teórico-Metodológicas na Antropologia”**Bordografias como gesto insubordinado:
interepistemicidade, saberes ancestrais e metodologias
sensíveis a partir de mulheres anciãs**

Maria Laura Medeiros Bleinroth

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(UNESP/Assis)laura.bleinroth@unesp.br – <http://orcid.org/0000-0002-1143-9196>

Rafael Siqueira de Guimarães

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(UNESP/Assis)rafael.guimaraes@unesp.br – <http://orcid.org/0000-0001-9864-9825>**RESUMO**

Este artigo propõe uma metodologia etnográfica sensível e inventiva, gestada no encontro com anciãs cujas manualidades mobilizaram memórias, afetos e caminhos de investigação. A partir dessas experiências, emerge a proposta das *bordografias*, em que o bordado se configura como dispositivo de produção de memória, escuta e resistência, por meio da composição de pontos corpográficos. O objetivo do artigo é articular Psicologia Social e Antropologia em perspectiva decolonial e feminista a fim de conectar saberes da experiência vivida e da sabedoria ancestral, tensionando os limites das epistemologias tradicionais. Habitar o próprio corpo e conhecer desde seus sentidos torna-se, aqui, um gesto insubordinado, que desafia os regimentos racionais e propõe outras formas de sentir, pensar e produzir conhecimento.

Palavras-chave: Envelhecimento; Etnografia; Metodologias; Mulheres idosas; Psicologia Social Decolonial.

Embroideraphies as an Insubordinate Gesture: Interepistemicity, Ancestral Knowledge, and Sensitive Methodologies from Elderly Women

ABSTRACT

This article proposes a sensitive and inventive ethnographic methodology, conceived in the encounter with elder women whose handcrafts mobilized memories, affections, and research pathways. From these experiences emerges the proposal of *bordografías* [embroideraphies], where embroidery is configured as a device for the production of memory, listening, and resistance, through the composition of corpographic stitches. Articulating Social Psychology and Anthropology from a decolonial and feminist perspective, the research is rooted in lived experience and ancestral wisdom, challenging the limits of traditional epistemologies. Inhabiting one's own body and knowing from its senses becomes, here, an insubordinate gesture, one that defies rational regimens and proposes other ways of feeling, thinking, and producing knowledge.

Keywords: Aging; Ethnography; Methodologies; Elderly Women; Decolonial Social Psychology.

Bordografías como gesto insubordinado: interepistemicidad, saberes ancestrales y metodologías sensibles a partir de mujeres ancianas

RESUMEN

Este artículo propone una metodología etnográfica sensible e inventiva, gestada en el encuentro con mujeres ancianas cuyas manualidades movilizaron memorias, afectos y caminos de investigación. A partir de estas experiencias, emerge la propuesta de las bordografías, en las que el bordado se configura como dispositivo de producción de memoria, escucha y resistencia, mediante la composición de puntos corpográficos. Articulando Psicología Social y Antropología desde una perspectiva decolonial y feminista, la investigación arraiga en la experiencia vivida y en la sabiduría ancestral, tensionando los límites de las epistemologías tradicionales. Habitar el propio cuerpo y conocer desde sus sentidos se convierte, aquí, en un gesto insubordinado que desafía los regímenes racionales y propone otras formas de sentir, pensar y producir conocimiento.

Palabras clave: Envejecimiento; Etnografía; Metodologías; Mujeres Ancianas; Psicología Social Decolonial.

Introdução

Este artigo encena uma metodologia etnográfica sensível e inventiva, tecida no afloramento de afetos e memórias ancestrais que operam como artimanhas subversivas capazes de inundar de vivacidade a produção do conhecimento. Propõe-se, aqui, um gesto de pesquisa estabelecido a partir de um diálogo interepistêmico entre a Psicologia Social, a Antropologia e as Artes Manuais, costurando o vivido, o estético, o político e os múltiplos modos de conhecer como dimensões indissociáveis da produção teórica. Nesse horizonte, o diálogo entre conhecimentos (interepistemicidade) sustenta o trânsito em tessituras da experiência, da memória e das práticas cotidianas. Esse gesto busca produzir desvios das vestes falaciosas de epistemologias apresentadas como universais e versáteis a quaisquer contextos, como evidenciam Rita Segato (2012) e Silvia R. Cusicanqui (2018) e sustenta a subjetividade como digna de ser a bússola condutora da pesquisa, a partir das proposições de Glória Anzaldúa (2021a) e Audre Lorde (2019a).

O artigo busca propor uma outra forma de produção de conhecimento, vinculada ao bordado como dispositivo de pesquisa, ao mesmo tempo em que resgata os saberes e manualidades de mulheres idosas como fonte viva de memória e guia teórica. Diante disso, nomeamos essa composição artesanal metodológica de *bordografias*, uma tentativa de encarnar as vivências e os itinerários da pesquisa através dos sentidos e da sensibilidade do corpo, lançando novas formas de perceber o mundo e, em especial, as experiências no âmbito do bordado através de marcas que constituem e singularizam a relação de conhecimento por meio desta ferramenta. Em uma perspectiva prática, *bordografias* se articula em construir a pesquisa através das experiências e do modo como chegam até o corpo — especificamente pelas emoções e sentidos —, tecendo escritas e inscrições desde memórias, contações, experimentações da prática, histórias que se dão através do contato com os bordados, suas representações, seus contextos e as experiências com o uso da agulha e linha no tecido. Enovelamentos do e com o corpo, que produzem fissuras no imperialismo da racionalidade científica ao convocar partes sensórias como vias possíveis para a produção do conhecimento.

A articulação com o dispositivo e a linguagem do bordado se justifica pelo campo em que germina a produção deste texto: uma artesanania miúda tecida como pesquisa de doutorado, ainda em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), que busca compreender como se configuram os processos de subjetivação de mulheres bordadeiras situadas no Brasil e no México e de que maneiras suas práticas manuais se constituem

como estratégias de resistência e subversão das narrativas hegemônicas e genocidas. No entanto, para a escrita deste artigo, puxamos como fio um recorte das raízes epistêmicas e metodológicas da investigação, sustentadas e nutridas como herança viva da sabedoria de mulheres idosas que legaram suas memórias e narrativas como bússolas teóricas. Esse direcionamento se aproxima de uma perspectiva antropológica ao habitar o campo com escuta sensível e experiência vivida, reconhecendo que é no entrelaçamento de experiências e vozes que o conhecimento se produz (Cusicanqui, 2018).

A partir de uma mirada etnográfica, decolonial e feminista, a primeira autora deste artigo retoma as suas pegadas anteriores ao espaço acadêmico e às teóricas que nele se cristalizam, reconhecendo a ausência de neutralidade no seu anseio pelo estudo dos envelhecimentos. O mergulho dentro deste campo não ocorreu de modo fortuito, mas foi germinado por vínculos desmedidos de afetos nos encontros com as suas anciãs maternas, sua avó Aurora e sua tia-avó Dinha. Mulheres que a ensinaram a pensar sobre a situacionalidade dos processos de subjetivação e as experiências interseccionadas do envelhecer, estando estas fincadas em um território encharcado por dimensões subjetivas, sociais, culturais, políticas e afetivas, como atenta Donna Haraway (1995).

Portanto, a pesquisadora tem abraçado pistas epistêmicas e metodológicas contracoloniais, de acordo com Antônio Bispo dos Santos (2015) – O Nego Bispo –, legadas destas mulheres. A sustentação desse caminho se dá pelo fazimento de alianças com teóricas que tomam o corpo como território de saber, em especial os vestígios de Glória Anzaldúa (2021a, 2021b) para a composição de uma auto-história. A partir dessa artimanha narrativa, a pesquisadora tece a sua pesquisa enraizada desde o seu lugar epistêmico, onde o conhecimento se corporifica nas escutas do seu corpo e nos rastros das suas vivências, urdindo a escrita com fragmentos pessoais e memorialísticos. val flores (2022) afirma que a presença desvelada nessas composições opera como uma delicadeza ética e política, carregando rastros profundos de referências íntimas e subjetivas no encontro com os pormenores da realidade, confeccionando teorias vibradas desde a intimidade, como sentida nas obras de Grada Kilomba(2019) e bell hooks (2020).

Durante as tessituras do mestrado, as anciãs conduziram a pesquisadora a um olhar cuidadoso para as vicissitudes das educações florescidas no chão de terra de suas casas, situadas em um território rural da zona da mata alagoana, já que não tiveram acesso constante ao ensino formal em consequência de dificuldades geográficas e culturais. A mirada para estas mulheres germinou como condução de pesquisas para localizar processos não convencionais de ensino-aprendizagem de outras mulheres idosas,

sobretudo aqueles vinculados às manualidades, tal como os trilhados pelas mãos de suas anciãs, como tecido na dissertação de Laura Bleinroth (2021) e no texto de Érika Oliveira, Laura Bleinroth e Yasmin Santos (2021). Elas ensinaram a ouvir, a observar e a vivenciar memórias e temporalidades subjetivas e, apesar de não se constituírem como interlocutoras da pesquisa em andamento, elas continuam presentes como referencial ético-político, despertando sensibilidade epistêmica e metodológica, além de afirmarem dentro das linhas escritas outros modos plurais de existir e conhecer que germinam das frestas da vida (Bleinroth; Oliveira, 2025).

Desse modo, essas mulheres se tomaram teóricas com quem a pesquisadora anda de mãos dadas e permanece em constante diálogo, reconhecendo que são tecedoras de conhecimentos e que ensinam a semear e criar travessias para vislumbrar outras existências através dos seus saberes. A confabulação de rotas tecidas desde o ordinário e de subjetivações aterradas geograficamente e subjetivamente torna incontornável um percurso de pesquisa sem que a pesquisadora esteja com os pés fincados onde aprendeu a enxergar o mundo. Como relembra Grada Kilomba (2019, p. 58), “[...] nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas”, desvelando as falácias da neutralidade e imparcialidade do conhecimento.

Esse desvencilhamento produz, como efeito, a afirmação de outras realidades e tensiona interpretações feitas a partir de teorias assentadas em uma geocultura específica e são impostas como se fossem lentes universais, de acordo com o que é proposto por Ramón Grosfoguel (2016). É preciso, então, encharcar nossas pesquisas de presenças, especialmente das que vivem nas *grietas* do conhecimento, definido por Thaysa Valente (2024), pois, como alerta Luiz Rufino (2019, p.14), “[...] é na perspectiva da não presença da diversidade que se institui uma compreensão universalista sobre as existências”. Sendo assim, essas articulações contracoloniais se tornam uma tática para descentralizar os conhecimentos validados como universais, visto que estes instauram uniformidades e binarismos que se encontram entranhados no mais profundo das relações sociais e produzem não-existências de sujeitas que não estão representadas nestes ditames, segundo Nelson Maldonado-Torres (2007).

No âmbito do envelhecimento, voltar-se para conhecimentos e existências que são vistas desde suas especificidades corresponde à tentativa de uma prática implicada em descolonizar as teorias que visualizam os processos de envelhecer em uma perspectiva linear ou de invisibilização advindas de concepções modernas e de suas instituições identitárias inflexíveis, homogeneizantes e generalistas, em consonância ao que propõem

Cândida Alves e Polianne Delmondez (2015). Diante disso, à luz das contribuições de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), é imprescindível visualizar subjetividades, corporalidades, sexualidades e territorialidades de pessoas idosas através da imensidão de vivências interseccionadas com outras categorias de poder, ademais de geração e que, conseqüentemente, produzem especificidades nos modos de subjetivação. Sobretudo ao nos voltarmos a pensar o envelhecimento das mulheres, construir políticas de pesquisas localizadas é trazer à tona a existência de “mulheridades” idosas, situacionalidades geográficas, opressões, violências e resistências plurais e, conseqüentemente, entender que “experiências diversas exigem diferentes teorizações e demandas políticas [...]”, afirma Letícia Nascimento (2021, p. 22).

Estar com os pés fincados no solo de suas anciãs direcionou a pesquisadora a enxergar as sabedorias e processos de subjetivação de outras mulheridades idosas e seus diferentes modos de envelhecimentos. Apesar de uma prática micropolítica, abre-se, assim, a possibilidade de visualizar espaços, processos e estratégias que escapam às compreensões homogêneas e por onde emergem múltiplas narrativas e vivências, a partir do que defende María Lugones (2014). A partir disso, portanto, Patrício Guerrero Arias (2010) compreende que nos deslocamos a encontrar sujeitas que margeiam por outros horizontes de existências e tessituras políticas, por respostas insurgentes à vida que escapam aos ordenamentos vigentes. Um desprendimento de preconceções sob parâmetros aniquiladores em detrimento de mirar as frestas de outras camadas das realidades.

Retomando as especificidades desta urdidura, como efeito de construir uma prática de pesquisa implicada com outras narrativas, abordamos a metodologia como uma estética insubmissa ao monopólio da mente e da visão, recursos vangloriados pelos saberes imperialistas, ativando outras partes corpóreas — mãos, coração, vísceras — como bússolas para pensar e sentir o mundo. Anzaldúa (2021b) argumenta que perceber o mundo vai além da concretude da visão; é preciso sentir com todo o corpo. Nele, a memória corporal e os registros que o atravessam se tornam caminhos para tecer saberes.

Vestimo-nos da ideia de bailar a teoria, pois, como ressoa Vivian Abenshushan (2023), todo corpo se coloca em estado de pensamento, abrindo-se a formas mais fluidas de escutar, ver e registrar as tramas da realidade — referências menos rígidas e operantes de marcas bordadas em um corpo encarnado, sensível e atravessado pelo saber penetrado pela esfera do sentir (Haraway, 1995). Para isso, sua construção é atravessada pela prática memorialística das vivências e narrativas das anciãs da pesquisadora, que produzem

saberes por outras vias, e também do bordado como episteme-metodológica, sendo capaz de enveredar por vias capazes de desanuviar o sentir e inebriar o saber com um pulso de vivacidade (Anzaldúa, 2021b), atendo a sensibilidade em um campo de poder desenxabido de vida pelas falácias que regem a sua produção, como assiduamente trazem Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2020).

Por se tratar da construção de uma pesquisa que tem a prática do bordado como cerne, a linguagem deste dispositivo orienta o que chamamos de *traçado* de pesquisa: caminho feito à mão com marcas sutis de percursos que se reinventam em um ritmo orgânico. Uma dança manual composta pelo que chamamos de “pontos corpográficos”, inspirados na obra “notas ordinárias”¹ de Cristina Sharpe (2024). Os pontos fazem as linhas escritas da pesquisa existirem através de pequenos fragmentos memorialísticos e “[...] diversos que não necessariamente se encaixam na tradição metafórica mais estruturada das teorias concebidas como edifícios”, aponta Tânia Pérez-Bustos (2019, p. 2), tecidos a partir do lugar epistêmico da pesquisadora e entrelaçados com os de outras mulheres que fazem do fio uma prática de resistência, memória e coletividade.

Aqui, em especial, será fiada a narrativa em primeira pessoa da pesquisadora para apresentar as tramas inventivas do seu corpo em deambulação e pela feitura de alguns pontos-corpográficos tecidos para nomear e apresentar o traçado de investigação a partir do encontro com o legado de suas ancestrais, presentes desde as primeiras linhas da tese através dos seus ensinamentos acerca das manualidades e que, de algum modo, se desdobra em artimanhas sensíveis e encharcadas de vivacidade. Inicialmente, apresentaremos a aposta política de conduzir a pesquisa através da corporalidade da pesquisadora, pelo que concebemos como “bordografias”, e, então, um dos pontos corpográficos que abraça as anciãs da pesquisadora.

¹ A obra *Notas ordinárias*, de Christina Sharpe, é tecida em pequenos fragmentos memorialísticos como uma prática política, estética e ética para narrar a própria vida e histórias de outras pessoas negras. Uma forma de escrita que corresponde a uma insubordinação aos arcaísmos lineares, neutros e hegemônicos de produzir o conhecimento.

Bordografias: aposta política de encenar a pesquisa com o corpo

Desde que meu corpo cruzou com as obras de Glória Anzaldúa, desaprendi a me mover no mundo sem que seja com a carne, a pensar com as vísceras e a tecer uma prática de conhecimento enraizada na experiência, na memória e na imaginação. Tornei minhas pesquisas e escritas um ato apaixonado e aguçado, conduzidas desde as minhas profundezas e com a intimidade como a alma do processo, formas legítimas de conhecer. Como realça Anzaldúa (2021b), o conhecimento mais profundo e visceral é gestado no que o corpo sente, mesmo que fracionário e assentado na subjetividade de quem o produz.

Por isso, a pesquisa se faz no caminhar e no fazer caminhos, com o meu corpo e a inteireza da minha presença. Tecer o conhecimento com essa consideração é uma ardileza para desafiar as formas exterminadoras de ver o mundo, construídas por aqueles que ocupam lugares de poder e que se beneficiam de uma única visão (Anzaldúa, 2021b; Kilomba, 2019). Como diz Audre Lorde (2019b, s/p), “as ferramentas do mestre nunca irão desmontar a casa-grande do mestre” e, por isso, é necessário reinventar e fazer caminhos, sobretudo com estratégias postas ao âmbito do obscurantismo.

Resisto a chamar a itinerância de metodologia, pois não considero que seja um caminho para chegar ao fim, mas para construir uma circularidade - uma ida de muitas vindas, feitas na cadência dos passos vagarosos, sobretudo com vistas a recuperar a lentidão num caminhar moroso (Abenshushan, 2020) de fazer pesquisa. Ao invés disso, a linguagem do bordado me ensina a fazer um *traçado de pesquisa*, caminho feito à mão e com marcas sutis de percursos que se reinventam muitas vezes ao invés de se repetirem, num ritmo orgânico. Um traçado sensível, fragmentário, ligado ao caminhar e ao mover-se com o mundo. Uma pesquisa feita com o corpo, com os rastros das minhas vivências e com os testemunhos tecidos pelas mãos das minhas anciãs e de mulheres bordadeiras com quem me encontro. Mãos que me ensinaram a germinar saberes pelo toque, pela oralidade e pela dança de gestos pequenos. Saberes e teorias de suas corporalidades.

Compreendo, portanto, que esse movimento se trata de “uma atividade colaborativa, comunal [...]”, não solitária, pois se constrói enraizado nas interações que acontecem e com as camadas de história cultural que habitam meu corpo e das outras pessoas que estão nesses campos de relações (Anzaldúa, 2021a, p.138). Ailton Krenak (2019, p.14) diz que precisamos “viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo”. Com isso, ele me produz indícios para tecer a pesquisa como um campo de atravessamento e fricção. A confecção de um contato vivo com o mundo e não distanciado com tudo o que me atravessa - pessoas, territórios, acontecimentos. Não me

convém mirar o mundo e suas dimensões estritamente pela ordem do pensamento tradicional; desejo “tocar suas intensidades com o corpo, atravessá-lo e deixar-me atravessar por ele, exposta a mim mesma e aos outros” (Abenshushan, 2023, p. 7), encharcando as confluências subjetivas de nuances afetivas, sensíveis e mútuas.

Esse diálogo ressoa com o fato de que, segundo Laura Pozzana (2013, p.332), a “criação de modos de fazer, perceber, sentir, mover e conhecer, que não se separa do mundo, dos objetos humanos e não humanos em articulação – afetos em trânsito”. O conhecimento, nesta perspectiva, se corporifica na experimentação do próprio pesquisar, numa constante disponibilidade para o desconhecido, reconhecendo que são “[...] as diferentes presenças em composição que nos indicam por onde agir, conhecer e criar” (Pozzana, 2013, p. 330). Esse contato vivo se dá pela conexão com “afetos que nos surpreendem e, para tanto, [...] é preciso ativar o potencial de ser afetado, educar o ouvido, os olhos, o nariz [...] para além de sua função sensível trivial” (Pozzana, 2013, p. 336). Em articulação com Sueli Rolnik (2018), colocar o corpo como um lugar de saber produz uma ruptura com linhas lineares de compreensão, limitadas à cognição discursiva e racional, para assimilar o mundo por via das sensibilidades.

Ensaando e imaginando horizontes a partir dos territórios geográficos, subjetivos e políticos — espaços que atravessam e são atravessados pelo corpo, assumindo-se junto a outros —, tal como inspirações de Glória Anzaldúa (2021a), Patrícia Vasquez (2022) e Piedad Valência e Yennifer Royas (2021), dou como primazia às ressonâncias vibráteis do meu corpo em trânsito pelo mundo, permitindo revisitar os saberes sensíveis germinados nas frestas do invisível, antes de serem nomeados e concretizados em palavras (Rolnik, 2018). Como ressoa Anzaldúa, “devemos dar testemunho do que os nossos corpos recordam, o que o coração com a razão experimenta, e compartilhar isso com os outros” (Anzaldúa, 2021b, p. 34).

Diante dessas inspirações epistêmicas, ressoa em mim como inventividade o que chamo de *bordografias*. Uma grafia bordada que se origina do corpo — especialmente de um corpo que recusa o pensamento como limite único de alcance da realidade. Para avivar essa outra grafia, abraçamos a metáfora do *ponto* como a trama da escrita, afinal, é através dele que o bordado toma vida. Sem o ponto, não há bordado. É no ponto — de encontros — que o bordado da tese se faz existente. A criação deles é um ato desejanste de enfeitiçar o conhecimento e enfraquecer as formas tradicionais de concebê-lo (Santos, 2023) e é gestada como um sopro da escrita de “notas ordinárias”, de Cristina Sharpe (2024). A autora traz a meticulosidade da feitura de conhecimentos através de ínfimas narrativas

memorialísticas e do exercício de uma prática política, estética e ética para narrar o encontro com histórias e trajetórias singulares e fecundas de detalhes. A condução da escrita por esse modo é uma insubordinação aos arcabouços lineares, neutros e hegemônicos do pensamento e às vestes sistematizadas de construção narrativa, encenando uma prática dedicada ao parcial, ao subjetivo e ao inacabado (Kilomba, 2019; Anzaldúa, 2021a).

Portanto, a existência dos pontos anuncia uma presença demarcada, encarnada e visceral, pulsada desde as entranhas até as pontas dos dedos para se fazer existente; seja quando a agulha faz a linha entrar no tecido ou quando cada letra é intencionalmente esparramada numa folha em branco. Há, nesse gesto, uma entrega por completo, que constrói uma artesanaria de saberes eróticos (Lorde, 2019a), encorpados e corporizados pela sensibilidade. Não há neutralidade no bordado, nem tampouco na escrita. Há um caminhar das mãos traçado pela experiência de quem o faz (Rolnik, 2018; Kilomba, 2019).

Bordar é sentir, é envolver o corpo inteiro no emalo das mãos, pois não há como bordar sem que o corpo se faça presente, sem que ele sinta o pulsar de cada movimento. As pontas dos dedos carregam às profundezas interiores, forças vitais e legítimas na germinação de saberes (Lorde, 2019a). Afinal, antes de um espaço em branco se tornar preenchido, é no “[...] interior, nas vísceras e nos tecidos vivos” que a dança se inicia (Anzaldúa, 2000, p. 234). A invenção de caminhos pelas vísceras é um ato político e revolucionário para resistir às durezas das teorias hegemônicas e imaginar escapatórias possíveis através de uma linguagem revestida de sentimentos e de uma escrita poética encarnada com rastros abundantes de presença (Lorde, 2019a; Valencia; Rojas, 2021).

Sem a pretensão de recorrer a pontos exorbitantes, bordo, portanto, palavras grafadas pelo corpo que ressoam o encontro com trajetórias biográficas e coletivas assentadas em territórios plurais, tendo como pontos iniciais aqueles gestados pelo contato dos meus pés com esses lugares e, especialmente, com os que habitaram minhas anciãs. Recorro à minha biografia como ato de reciprocidade e intimidade com a pesquisa, uma política epistêmica pelas entranhas, para tramar minhas memórias e vivências em conjunto com os fios de vida das mulheres bordadeiras que compõem a investigação.

Tal como muitas mulheres em distintas territorialidades colonizadas, minhas anciãs também precisaram encontrar estratégias de resistência para fraturar as vias de dominação, tramando rotas subversivas (Lugones, 2014). Penso que elas manusearam e sustentaram a própria vida com as mãos nas tentativas de tecer contornos insurgentes às distintas táticas de extermínio frente às suas existências. Elas construíram histórias com suas próprias

mãos e recontaram as suas, assim como também fizeram e abriram caminhos com as mãos em busca de sobrevivência — do corpo, da alma e da liberdade.

Com suas mãos, elas me mostraram o florescimento de espaços abundantes de imaginação, criatividade e uma perspectiva de inteireza do corpo. Seus conhecimentos me deixam vestígios para inventar e imaginar espaços onde é possível habitar sem estar aprisionada dentro das ruínas delegadas pelo capitalismo como única possibilidade de existir, estas que nos atravessam e enrijecem nossas vias sensíveis pela lógica da produtividade e da linearidade da temporalidade. As germinações feitas por elas ao longo dos nossos anos de convivência alcançaram o meu mais profundo e agora ocupam os espaços da minha tese, brotando do amadurecimento do que foi plantado em mim cada vez que presenciei suas corporalidades em ação. Não componho sozinha, mas desde pequenas sementinhas de saberes que foram germinadas em mim.

Bordar a pesquisa desde onde pulsa fortemente o coração

Se me pedirem para apontar no mapa onde fica localizado o pequeno sítio onde residia minha avó, uma terra que faz meu coração pulsar fortemente pelas memórias plantadas em seu solo, eu não saberei guiar os meus dedos para encontrá-lo. Nunca fui boa em geografia, mas também considero que nunca me mostraram como encontrar lugar pequeno diante daqueles traços tão bem marcados por narrativas simplistas e falaciosas. Quando digo pequeno, me refiro apenas à sua dimensão territorial, já que é gigante no que comporta em sua magnitude afetiva, carregada de histórias e saberes semeados à mão (e com o corpo inteiro).

Tanto essa situacionalidade quanto as pessoas do meu coração, enraizadas ali, me ensinaram a enxergar o mundo com a delicadeza que lhe cabe; direcionando meu olhar para uma perspectiva de existências e vivências locais tramadas cotidianamente e em processos plurais (Kilomba, 2019). Sinto que reinvento caminhos pelo olhar sensível do coração como consequência desse meu vínculo afetivo, escolhendo o encantamento por lugares pequenos não capturados pela rigidez do saber dos mapas convencionais. Germinações empoeiradas, um dos pontos corpográficos bordados na tese, é fiado a partir do meu encontro com a sabedoria das minhas anciãs e demonstra meu entrelaçamento com o mundo desde esse lugar epistêmico.

Germinações empoeiradas e ancestrais

No chão empoeirado onde meu coração cresceu habituado, de barro amarronzado claro e repleto de pedrinhas cortantes miúdas, eu pousava meus pés descalços sempre que meu peito ansiava por abrigo. Meus modos não eram comedidos. Lançava meu corpo a um ritmo ligeiro e desengonçado até que a sua máxima velocidade fosse alcançada. Sentia a brisa massagear e desatar os pontos de inquietação em toda minha vastidão. Aprendi a sorrir ao ver as danças das bougainvilles rosadas e a respeitar o modo como se permitiam sentir os balanços causados pelo vento. Os cantares dos bem-te-vis adentravam pelos meus ouvidos e, talvez como uma espécie de condutores enérgicos na minha corrente sanguínea, despertavam meu corpo alegremente para viver um dia ensolarado dentro de mim.

Meus sentidos conseguiam captar distintamente os fragmentos que faziam meu coração sentir o enraizamento naquele chão ancestral. E eu o sentia pulsar desesperadamente de felicidade todas as vezes que as minhas vias sensoriais eram aguçadas pelos mais variados artifícios. Ao mesmo tempo que vivenciava essa intensidade, minhas sensíveis extensões corporais eram calmas, talvez pela sensatez de saber que o tempo corria de modo muito singular através delas. Eu conseguia sentir as fragrâncias que o vento se encarregava de me trazer, permitia que meus fios de cabelo esvoaçassem desalinhadamente e não poupava meu corpo de seguir o embalo dos sons despertados em minha alma. Eram reações corporais estonteantes que me sinalizavam a leveza proporcionada pelos meus sentidos ao meu interior.

Neste pequeno lugar do mundo, meus passos ainda incertos firmaram seus primeiros rastros de deslocamento, enraizando-me naquele chão e fazendo meu ser aprendiz, até o âmago, do que cabia na vastidão afetiva daquela territorialidade. Posso dizer que as ensinanças mais arraigadas em mim foram emanadas desse lugar que até hoje o vento levanta a poeira e o céu é estrelado. Germinações empoeiradas e miúdas, inspiradas em Luiz Antônio Simas (2019), mas bastante férteis de saberes profundos e vitais, florescidos em tessituras orais e corporais. Desse lugar captado como tão simplório e subalterno aos olhares capitalistas pulsavam ensino-aprendizagens vitais, oriundos de pessoas abundantes de saberes e transmitidos enquanto conduziam despreziosamente as horas de seus dias, nos afazeres aparentemente mais básicos.

Foram pessoas comuns, sobretudo minhas anciãs, que me aproximaram da “magia da realidade viva” e que, em suas práticas cotidianas, transformaram a matéria orgânica em húmus, gerando fertilidade e outros contornos existenciais aos seus saberes (Cusicanqui, 2018, p.17). Mulheres rurais, com pouca escolaridade formal, mas com as mãos cheias de

feitiçarias, capazes de produzir encantamentos e sabenças. Quando estava de férias no sítio habitado por elas, meu corpo descansava do ensino habitual e instrumental da escola enquanto sentia sensivelmente outras formas de aprendizagens, tecidas em espaços não convencionais; seja próximo às árvores (Abenshunshan, 2023, p. 8), como quando eu acompanhava minha avó na colheita das frutas para a feitura dos seus doces, ou num simples “banquinho de madeira sem encosto” (Bleinroth, 2021, p. 111), apreciando os movimentos das mãos de minha tia-avó fazendo crochê enquanto me oralizava suas valiosas histórias vividas.

Ainda que não intencionalmente, elas construíram suas próprias pedagogias e caminhos de aprendizagens, entrelaçados pela escuta, prática, cuidado e afetividade de corpos que se afetavam mutuamente ao compartilharem do mesmo espaço (Abenshunshan, 2023). Nessa perspectiva, sigo o que Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 21) diz ao afirmar que “somos compartilhantes”, considerando que é nas confluências, sobretudo as com nossas ancestrais, que nos fortalecemos, pois “quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente — a gente rende” (Santos, 2023, p. 4). Com essas mulheres eu tive aulas profundas e despreziosas, tecidas com ternura e sensibilidade. Não que enveredassem suas vidas constantemente por essas vias, mas demonstravam com clareza que a condução pela cabeça não era a única tática de existir e fazer caminhos. As suas corporalidades me contavam histórias, algumas com tonalidades suaves e outras atordoantes. Nem tudo era delicadeza e, ainda assim, partia da ordem do afloramento do sensível, das pulsações das emoções expressas no corpo e condizentes às circunstâncias vividas. O que sustenta a vida pulsa, sobretudo, nos afetos, nas emoções, na delicadeza e nas vivências que se transformam em sabedoria, não pela exclusividade dos tratados da ciência ou nos sistemas da razão (Arias, 2010).

A convivência com as mulheres dessa pequena geografia acontecia em espaços onde era possível contemplar ações ordinárias e de onde utilizavam suas táticas de existir cotidianamente. Seus ensinamentos, quase na maioria das vezes, não cabiam em palavras, mas na execução e observação dos movimentos corporais feitos por elas. Eram ensinamentos orgânicos, como diz Nego Bispo, em entrevista a Dandara Rodrigues Dorneles (2021), essenciais para a lida diária e para a sobrevivência dos corpos daquela territorialidade. Conhecimentos encarnados e territorializados, com os “pés na terra e as mãos na massa” (Vásquez, 2022, p. 14), e confabulados com a inteireza do corpo, dos sentidos e das emoções.

Especialmente, as danças ritmadas pelas mãos dessas mulheres me mostraram subterfúgios para descobrir as belezas do cotidiano ordinário e de afazeres corriqueiros, assim como ínfimas estratégias para “sobreviver ao universo em ruínas”, efeito das lógicas quantificáveis do capitalismo, de acordo com Dénèten Touam Bona (2020, p. 85). As sabedorias habitadas em suas mãos eram elevadas por uma estética e poética do ordinário. Seus movimentos concretizavam, frequentemente, artesanias — orgânicas, têxteis ou visuais. Manuseios que exalavam cheiros, criavam cores, despertavam a imaginação e acolhiam o corpo. Acima de tudo, ofereciam formas de sobrevivência, tanto para a matéria quanto para a alma.

Incontáveis vezes, ao despertar no sítio, o cheiro açucarado das frutas no forno à lenha me revelava que as mãos de vovó já exteriorizavam as suas sabedorias na produção de seus afamados doces. Não era simplesmente um cheiro que adentrava o meu olfato, mas vestígios dos saberes que habitavam o sábio corpo de minha avó materna. Suas mãos, sempre ágeis, me contavam suas histórias pelos cheiros que faziam exalar, pelos movimentos ritmados e precisos com os quais dedicavam-se aos ínfimos afazeres cotidianos e até mesmo quando as punham em quietude — apesar das raras vezes que meus olhos captaram esse momento. Era uma ligeireza que não tinha pressa. Havia uma sensatez no ritmo de suas mãos.

Vovó também foi costureira, mas sempre nos fez questão de lembrar que não gostava dessa profissão e abandonou assim que conseguiu encontrar outra manualidade — a da feitura dos seus doces. Havia meticulosidade na maestria desenvolvida pelo seu corpo, o que tornava uma marca singular dela pelo sabor ímpar que isso provocava. Desde que suas mãos não se põem mais em atividade, por causas orgânicas de seu corpo, nunca mais voltei a sentir o gosto que só ela sabia “fazer existir”. *Ela fazia existir sabores*. Era criação e inventividade. Essa nuance é destacada por Nelly Dollis (2018, p.1), que atenta para o saber-fazer das mãos. Minha avó transformava a matéria em encantarias para a alma, desde um conhecimento que cabia em suas pequenas mãos, mas que expressava a totalidade dos saberes habitados em sua inteireza.

Aprendi com ela que o fazer deveria ser primoroso e atencioso, e, também, que nem só de palavras a poesia pode ser feita, as criações manuais também são vias poéticas que adentram a alma. A estética de seus doces era pensada nos pormenores, como no doce de laranja e figo, em que, com a devida concentração, ela manuseava uma pequena faca para descascar os pedacinhos milimetricamente proporcionais. Isso era o que beirava à perfeição, pois davam contraste aos cortes quando cristalizados. A casca da laranja

também precisava ser escaldada sete vezes antes de ser adicionada junto ao açúcar, esta era uma tática para que o doce não amargasse. Essa prática necessitava mais do que fazer com as mãos, necessitava de tempo, cuidado, dedicação e paciência, e, sobretudo, conhecimento e técnica. Um fazer envolto de minuciosidades internas, ainda que a observação da prática não captasse em detalhes.

A minha tia-avó Dinha, habitante da mesma ruralidade que minha avó, também tinha em suas mãos danças ritmadas por suas fecundas sabedorias. Suas mãos tricotavam com mansidão, mostrando em seus remexos a inventividade de sentir, pensar, compartilhar e expressar as sutilezas da vida através do entorno de sua inegociável morada empoeirada. Observar as mãos de minha tia em ação me dava a impressão de que ela tricotava seu próprio mundo, onde fazia caber quem também apreciava as belezas do silêncio e, na mesma medida, das conversas infundáveis. Enquanto suas mãos davam contorno a pequenas vestimentas ou sapatinhos, eu sentava à sua frente e espreitava atentamente os detalhes que cabiam naquele instante. Não sei se ela manejava o tempo, mas a sensação que eu sentia era de que, em sua presença, ele corria de modo suave, como um sopro que acalmava quaisquer indícios de urgência. As horas passavam tranquilas, profundamente sentidas pelo meu corpo.

Ao lembrar das minhas idas à sua casa, tenho a sensação de que ela sabia fazer felicidade com as mãos, já que sempre dava palminhas obstinadas para acompanhar as suas altivas gargalhadas. Era bonito ver como seu corpo se ornamentava de felicidade com aquele primoroso gesto manual. Titia também era mestra em fazer broas e balas de café, e tinha a preocupação em nos ensinar a fazê-las. Embalava as balinhas com restos de embalagem de presentes e, talvez não despreziosamente, fazia com que se tornassem um. Lembro de acompanhar muitas vezes toda a produção até sair de lá com um saquinho repleto delas só para mim. Este é outro sabor que busco sentir novamente e não encontro mais do que tentativas falhas, até mesmo quando tentei reproduzir a receita que tantas vezes a vi concretizar. O que tinha nas mãos das minhas anciãs que tornava as receitas herdadas em seus mínimos detalhes irreproduzíveis? Penso que, além da maestria de suas mãos, também existia algo que vinha do interior delas e que tornava tudo insubstituível.

Posso dizer, então, que cresci cercada de mãos eruditas. Mãos que teciam de muitas formas e faziam existir distintas e inestimáveis coisas. Não precisava de muito esforço para encontrá-las se o olhar fosse atento, estavam em todas as direções que me cercavam. Mãos que muitas vezes, por desejo próprio, seguiram desenvolvendo suas práticas de conhecimentos, enquanto outras estavam entrelaçadas ao lugar que foram instituídas

atenta Mariana Guimarães (2023). Em ambos os modos, não parecia haver valorização do que eram capazes de fazer a partir das suas mãos, visto que escapava à intelectualidade tão rebuscada em palavras grafadas como teorias. Nos seus manuseios, cabiam dimensões que não pertenciam à ordem limitada da racionalidade, desta que segrega o que é intelectual do manual de modo menosprezado e, muitas vezes, violento (Lugones, 2006). A separação entre mente e corpo escancara a cruel oposição em termos de valia e prestígio entre os trabalhos manuais e os intelectuais, sobretudo tendo em vista que a racionalidade é um atributo da modernidade, posicionando as sujeitas que partem de uma outra ordem de conceber o conhecimento como não frutíferas e suas territorialidades escassas de teorias (Arias, 2010).

Ao contrário das narrativas que ancoram essa separação e como resistência às epistemologias colonizadoras, Lélia Gonzalez (2020) dá espaço em sua teoria para pensar as mulheres que entretecem suas vidas por saberes ancestrais que transitam pelo corpo, pela oralidade e pela prática cotidiana, mostrando a intelectualidade de suas mãos, exaladas nos seus manuseios de saberes. Ao meu redor, as mulheres manuseavam o saber, com a palma da mão e a ponta dos dedos, pelo toque e o atijamento de outros sentidos. Manuseavam o tempo, a imaginação, a memória, o espaço. No status quo, a imaginação é apreendida ao âmbito marginal por apresentar-se como perigosa à intelectualidade racionalista (hooks, 2020), o que faz com que retornar a atenção para ela se torne um ato de insubordinação. Portanto, me associo à estratégia de Mariana Guimarães (2023, p.173) ao buscar “articular o trabalho manual com o trabalho intelectual, de modo a produzir um pensamento a partir do que é vivido no cotidiano, produzir epistemologias a partir da casa, do doméstico, do manual”, aproximando-me de atributos que foram postos como marginalizados por desafiar a legitimidade da razão.

Das minhas anciãs que germinaram suas sabedorias em meu coração, apenas tenho fisicamente ao meu lado a minha avó, com sua memória guardada apenas em seu coração por conta de uma doença orgânica. No entanto, as germinações feitas por essas mulheres ao longo dos nossos anos de convivência alcançaram o meu mais profundo e agora ocupam os espaços da minha tese, brotando do amadurecimento do que foi plantado em mim cada vez que presenciei suas corporalidades em ação. Não componho sozinha, mas desde pequenas sementinhas de saberes que foram germinadas em mim.

Tramas inacabadas de um traçado inventivo

Essa trama que surge do anseio de tecer é um ritual de insubordinação que revitaliza o fluxo insípido da produção de conhecimento — esvaziada de vivacidade — e promove uma reinvenção da vida por meio de deslocamentos poéticos e contracoloniais. O encontro com “cosmopoéticas de sobrevivência”, onde sujeitas tramam estratégias de (re)existências e tecem suas vidas (re)inventando outras possibilidades de sentir, pensar, ser, estar, criar e outros verbos que comportam conjugações plurais (Bona, 2020). Simas e Rufino (2020, p.10) lembram que “o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto”, e é justamente contra esse desencanto que esta pesquisa se ergue.

Buscamos afinidades com narrativas ancoradas em uma multiplicidade de concepções de mundo e irrigadas dos “pluralismos, reconexões e sabedorias táticas operadas nas frestas” (Simas; Rufino, 2020, p. 6). Isso nos faz ansiar por tecer as centelhas dessas existências e saberes que consideram os atravessamentos das intersecções em suas vidas e as camadas históricas, simbólicas, políticas, sociais e existenciais (Collins; Bilge, 2021). A aposta nesta pesquisa é encontrar rachaduras que sopram com veemência pormenores existenciais que não estão nas grandezas milimetricamente ajustadas pelo capitalismo, mas que possuem uma tonalidade esverdeada, com sonoridades vibrantes e vivazes, e com tempo para desfrutar do encontro com o que pulsa com vida. Pela sensibilidade que os dedos alcançam, a agulha ou o teclado. Pela qualidade de uma escuta demorada. E por uma experiência vivida que não seja pela falácia de um corpo inerte à vida e à pesquisa.

Portanto, a pesquisa é bordada a fim de trazer experiências que nos ensinem rotas de fuga ao que enrijece nossos corpos, para desviar dos caminhos lineares e colonialistas que regem o básico da vida. Pelas singularidades das vivências, a pesquisadora teve seu corpo sementes germinadas com palavras vivas, carregadas de trajetórias de mulheres que têm em suas oralidades e manualidades processos circulantes de ensinanças e sabedorias através de linguagens orgânicas (Santos, 2015; Dornelles, 2021). Mais do que produzir teoria e “saberes para administrar destinos” (flores, 2022, p. 8), o que cabe profundamente neste espaço é a escuta pelo corpo inteiro das narrativas germinadas por estas mulheres, dos seus modos de vida e da produção dos seus cotidianos.

Assim, ao costurarmos um diálogo interepistêmico entre Psicologia, Antropologia e Artes Manuais, apresentamos narrativas encarnadas e saberes tecidos na oralidade e na manualidade como bússolas teóricas que orientam a investigação. Foram as anciãs da pesquisadora que ensinaram a escutar com o corpo inteiro, a bordar/manusear como

forma de leitura do mundo, e a reconhecer em seus envelhecimentos um campo fértil de invenções, resistências e ensinaças. Ao inscrevê-las como raiz viva da pesquisa, afirmamos que suas experiências são fundamentos que tensionam os modos hegemônicos de produzir conhecimento e ampliam os horizontes da antropologia crítica e situada.

Ao reconhecer que os saberes que sustentam esta pesquisa emergem de territórios e corpos atravessados por ramificações geográficas e históricas, reafirmo que produzir conhecimento é também um gesto de enraizamento. Trata-se de *sentipensar*, como propõe Arias (2010), desde os lugares que habitamos, reconhecendo que o conhecimento não se separa da experiência vivida, dos afetos e das territorialidades que nos atravessam. Essas brechas e frestas são espaços onde saberes não hegemônicos sempre (re)existiram, mesmo quando silenciados pelas narrativas colonizadoras. Assim, bordar a pesquisa é também bordar o território — com suas sonoridades, suas companhias e suas singularidades — como fundamento ético e epistêmico.

Referências

- ABENSHUNSHAN, Vivian. La escuela por venir: aquí, ahora. *Revista de la Universidad de México*, n. 897, 2023, p.6-11.
- ABENSHUSHAN, Vivian. Notas sobre os doentes de velocidade. *Chão da Feira*, n. 105, 2020.
- ALVES, Cândida. B.; DELMONDEZ, Polianne. Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. *Rev. psicol. Polít.*, v.15, n.34, 2015, p. 647-661.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução de Édna de Marco. Revisão de Claudia de Lima Costa; Simone Pereira Schmidt. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ANZALDÚA, Glória. *A Vulva é uma Ferida Aberta e Outros Ensaios*. Trad. Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021a.
- ANZALDÚA, Glória. *Luz en lo oscuro*. Tradução de HEKHT Editorial. Madrid: Traficantes de Sueños, 2021b.
- ARIAS, Patricio Guerrero. Corazonar desde las sabidurías insurgentes el sentido de las epistemologías dominantes, para construir sentidos otros de la existencia. *Sophia*, Colección de Filosofía de la Educación, n. 8, 2010, pp. 101-146.
- BLEINROTH, Maria Laura M. *Bordadeiras de sabedorias: Mulheres idosas e suas pedagogias clandestinas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, 2021.
- BLEINROTH, Maria Laura M.; OLIVEIRA, Érika Cecília S. Pesquisar “Dentro

do Abraço”: Velhice, Feminismos e Políticas de Memória. *Revista Polis e Psique*, v.15, 2025.

BONA, Dénètem Touam. *Cosmopoéticas do refúgio*. Tradução de Milena P. Duchiate. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020, 96 p.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidades*. São Paulo: Boitempo, 2021.

CUSICANQUI, Silvia Riviera *Un mundo ch'ixi es posible: Ensayos desde um presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.

DOLLIS, Nelly. Nokẽ mevi revõsho shovima awe: "o que é transformado pelas pontas das nossas mãos". *Campos - Revista De Antropologia*, v. 19, n. 1, 2018. p. 23-36.

DORNELLES, Dandara Rodrigues. PALAVRAS GERMINANTES: ENTREVISTA COM NEGO BISPO. *Identidade*, v. 26, n. 1 e 2, p. 14–26, 2021.

flores, Val. *A intimidade do procedimento: Escrita, lesbiana, sul como práticas de si*. Tradução coletiva do GRETA – Grupo de tradução lésbica. 1. ed. São Paulo: Greta Edições, 2022.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 2016, p. 25-49.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afrolatinoamericano*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. São Paulo: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Mariana. A cozinha é uma biblioteca de filosofia: diálogos com Silvia Rivera Cusicanqui sobre práticas de descolonização e destecer, entre batatas, cenouras, sapos e gente. *Arte território*, v. 29 n. 46, 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v. 5, 1995, p. 7-41.

hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Cobogó Editora, 2019.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LORDE, Audre. *Os usos do erótico: O erótico como poder*. Difusão Herética, 2019a.

LORDE, Audre. As ferramentas do senhor nunca derrubarão a Casa-Grande. Tradução de Tatiana Nascimento. In: LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e discursos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019b. p. 110–113.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 117–156, 2006

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos feministas*, v.22, n.3, 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser, contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GOSFROGUEL, Ramón (Comp). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre, 2007. p. 127-167.

NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. São Paulo, Editora Jandaira, 2021.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25 – n. 2, p. 323-338, 2013.

ROLNIK, Suely. *esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia da encruzilhada*. Rio de Janeiro: Morula editorial, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: INCT, 2015.

SANTOS, Antonio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023. 112 p.

SEGATO, Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES (Online)*, v. 18, 2012, p. 1-5.

SHARPE, Christina. *Notas Ordinárias*. São Paulo: Fósforo, 2024.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SIMAS, Luiz Antônio. *Pedrinhas miudinhas: Ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros*. Ed. Mórula, 2ª edição, 2019.

OLIVEIRA; Érika; BLEINROTH, Maria L. M. SILVA, Yasmin M. Desobediências epistêmicas e pesquisas monstruosas em psicologia social. In: CRUZ, L. R.; HILLESHEIM, B.; EICHHERR, L. M. *Interrogações às políticas públicas: sobre travessias e tessituras do pesquisar*. Florianópolis: ABRAPSO Editora, 2021. p. 13-32.

PÉREZ-BUSTOS, Tania. ¿Puede el bordado (des)tejer la etnografía? *Disparidades*, v. 74, n. 1, 2019.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25 – n. 2, p. 323-338, 2013.

VALENTE, Thaysa Zubek. *Nas grietas da educação: resistências e afirmação das diferenças no Instituto Federal do Paraná*. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE), Linha de Pesquisa Diversidade, Diferença e

Desigualdade Social em Educação (DDDS), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

VASQUEZ, Patricia P. *Pedagogías feministas y sus encuentros afectantes: Com los pies en la tierra, las manos em la massa y la escuela patas arriba*. Estudios de gênero y feminismis, editora UNAM, 2022.

VALENCIA, Piedad; ROJAS, Yennifer Paola. La pedagogía crítica: sentires insumisos desde el devenir feminista. *Revista Pensamiento*, n. 26, p. 144-149, jul.-dez. 2021.

Financiamento

Esta pesquisa contou com apoio de agência(s) de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Recebido em 05 de agosto de 2025

Aceito em 26 de fevereiro de 2026